

PAREDES QUE OUVEM E PORTAS QUE FALAM: UMA ETNOGRAFIA DE BANHEIROS, GRAFITOS E INTERAÇÕES

Ludmila Helena Rodrigues dos Santos¹

Resumo: O tema das interações e expressão das subjetividades na cidade ganha neste trabalho um recorte espacial particular, o banheiro, e um objeto típico: os grafitos e expressões artísticas encontradas no interior deste local simbólico. Os banheiros públicos, equipamentos urbanos de grande circulação pela cidade, são tomados como espaços fortemente marcados por interações sociais, tanto aquelas que dizem respeito à co-presença de seus usuários, quanto relações expressas nas variadas formas de *inscrições*. Os grafitos de banheiro são pensados como autônomos e percussores de interações que extrapolam seu conteúdo semântico. Eles trazem em si o local onde se situam e o público que o frequenta, o que os sujeitos desejam falar, a questão do anonimato, da fragmentação dos corpos e autonomia das expressões.

Palavras-chave: grafitos de banheiro; subjetividade; corpo; cidade; agência.

Há quem fale que as paredes têm ouvidos. Metaforicamente isso nos diz dos alcances da nossa comunicação para além do visual. Dependendo de onde esta parede se situa, é necessário maior ou menor cautela, pois existem lugares em que “os ouvidos se multiplicam”. Este é o caso do banheiro. No banheiro de uso público, por detrás das cabines que visam garantir o anonimato e a individualidade, temos, de forma contraditória, a exposição e aglomeração de vozes e ouvidos. Mesmo com as especificações fruto da ética que o prevê como local de privacidade e por conta de certas especificações sanitárias, paradoxalmente o frequentador é exposto a vigilâncias minuciosas de outros olhares, que ali se encontram para utilizar o banheiro.

O que é o banheiro senão este local de impressões paradoxais? Lugar de pureza e impureza, permissividade e repressão, privacidade e exposição.

Voltar o olhar para este local peculiar que carrega a ambigüidade da exposição involuntária e do anonimato eticamente produzido permite expandir o dito popular de

¹ Mestranda do Curso de Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
E-mail: ludhrsantos@yahoo.com.br



que “as paredes têm ouvidos” para: paredes, portas, espelhos, vasos sanitários e banheiros não só ouvem como falam.

Tal afirmação, longe de ser um devaneio abstrato, é presenciada regularmente por pessoas que freqüentam banheiros públicos ou de circulação irrestrita situado nas cidades, onde encontramos escritos, desenhos, decalques e expressões artísticas variadas que tanto dialogam entre si como com os freqüentadores destes locais, provocando-os, gerando opiniões, sensações e reflexões variadas. E é neste ambiente coletivo/ privado que este mesmo usuário se expõe e é provocado por escritos de banheiro.

Quem nunca se deparou com estes escritos que se espalham, interagem e que formam um quadro variado de intenções inscritas no espaço íntimo que o banheiro representa? Escritos que dizem respeito à esfera das subjetividades, mas compartilham, comunicam, criando redes de relações entre sujeitos anônimos?

Tais expressões são tão comuns, que nem mesmo é necessária uma observação sistemática para notar estas manifestações como recorrentes, ou para perceber que alguns lugares possuem temas preferenciais de escritos (que expressam uma relação direta da localização do banheiro e o “perfil” dos seus freqüentadores), ou ainda categorizar informalmente os modelos de escritos como: assinaturas, escritos de amor, temáticas sexuais, políticas, entre outros.

Mas como explicar esta recorrência generalizada dos grafitos nos banheiros das grandes cidades, criando esta forma de interação específica, pautada no anonimato do sujeito e na expansão do grafito como sujeito autônomo de sua interação? E ainda, como entender a importância da significação e localização do banheiro no espaço da cidade, como ambiente determinante do tipo preferencial de abordagem relacional de escritos e imagens, espaço que traça um código de conduta, do que se fala ou não se fala de acordo com o local onde se está situado?

Este trabalho procurará delinear algumas destas inquietações e mostrar que estas permeiam reflexões no campo da antropologia urbana e uma abordagem específica da antropologia da arte centrada em trabalhos seminais como os de Alfred Gell, que, grosso modo, tratam a arte como um sistema de ação e seus objetos como portadores de intencionalidade.

Tratamos então do banheiro situado na cidade tida como espaço físico e simbólico. Esta ligação é essencial para a compreensão dos escritos. Mas por que a cidade como palco deste tipo de interação?

A cidade, tomada como um constructo tecno social, para utilizar uma das definições de George Simmel (2005), consiste no palco das interações que tem na “intensificação da vida nervosa” um dos fundamentos daquilo que o autor definiu como “regime psicológico singular que permeia sua sociabilidade”. Isto quer dizer que, a vida em, e a interação com, um círculo mais amplo produzem, uma consciência de personalidade maior que aquela que surge em um círculo mais estreito; isto acontece, acima de tudo, porque é precisamente através da alteração de sensações, pensamento e atividades que a personalidade se documenta. (SIMMEL 1971 apud FIGUEIRA 1981: 98).

Assim, a ligação entre cidade, banheiros e escritos, é centrada numa abordagem teórica de estudos de antropologia urbana em função de significarmos estes grafitos como fruto desta situação específica em que as subjetividades se interagem e se expressam na cidade, e ainda pelo fato de que por mais que ressaltemos que tais inscrições ganhem a autonomia ao interagir, eles são necessariamente realizados por sujeitos, que buscam um tipo de interação específica, resguardados, inclusive pelo anonimato típico desta produção. É esta condição que propicia o “nascimento” dos grafitos e seu caráter interativo – seja lúdico, dramático, político, amoroso, etc.

Assim, a intensificação da vida nervosa na cidade, torna seus habitantes cada vez mais sensíveis aos choques, confusões e desordens que os atinge através da proximidade e do contato mais imediatos com homens e sucessões de acontecimentos e informações. Tais características que podem aparentar em uma impressão inicial como dissociação, são na verdade apenas uma de suas formas elementares de socialização no ambiente urbano.

Estes grafitos, então, representam a contradição inerente à cidade que massifica e torna homogêneo o indivíduo permitindo-lhe conviver e coabitar nesta sucessão infinda de acontecimentos e informações, mas que, ao mesmo tempo, lhe cobra uma autenticidade, e que não suprime dele seu caráter diferencial – apenas lhe dá meios para que o sujeito não padeça perante tantas diferenciações.

Ao analisar os escritos e desenhos, nos vem à mente a motivação dos sujeitos que se expressam neste ambiente privativo, manifestações pessoais sobre temáticas que possuem alcance externo à sua subjetividade, como questões políticas, culturais e sociais. Observamos que tais manifestações são elaboradas como uma forma de expressão pessoal, mas ganham alcance e autonomia próprios, atingindo outros indivíduos, podendo gerar ou não respostas dos mesmos, provocando-os a partir do grafado e/ou ilustrado. Acerca desta discussão, Simmel ressalta:

[...] a dificuldade de fazer valer a própria personalidade nas dimensões da vida na cidade grande. Onde o aumento quantitativo de significação e energia se aproxima de seus limites, o homem agarra-se à particularização qualitativa, afim de, por meio do excitação da sensibilidade de distinção, ganhar de algum modo para si a consciência do círculo social: o que conduz finalmente às mais tendenciosas esquisitices, às extravagâncias específicas da cidade grande, como o exclusivismo, os caprichos, o preciosismo, cujo sentido não está no conteúdo de tais comportamentos, mas sim em sua forma de ser diferente, de se destacar e, com isso, de ser notado [...] (SIMMEL 2005:587)

Neste ponto é interessante pensar como fica representado o corpo nesta forma de interação produzida por sujeitos, mas que ganham autonomia de interação.

Ao tratarmos os grafitos, uma pergunta vem à mente: como lidar com o outro sem criar ao menos uma imagem mental de seu corpo, sem poder descrevê-lo em suas características físicas/ subjetivas, sem poder enquadrá-lo nas categorias de estudo sociológicas/ antropológicas com alguma precisão que temos do contato com o “nativo” e suas intenções. E ainda, o que é relevante estudar? É possível estudar antropologia a partir destes traços de subjetividade, inteligência e desejo?

Talvez uma reflexão importante a este respeito seja dada por Foucault no seu livro “Vigiar e Punir”. Ao estudar o suplício, nota-se um deslocamento do corpo como alvo de intervenção disciplinar para a alma. Aqui é possível discutir a intervenção das disciplinas. Forma-se o indivíduo composto de um corpo e de uma alma. Indivíduo que não é natural, tanto ele quanto a noção de sujeito são fabricações e nenhum deles é corpo físico. A fabricação de uma individualidade é a fabricação de uma anatomia que envolve a fabricação deste corpo e desta alma:

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital e da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a este cálculo místico do ínfimo e do infinito (Foucault 2008:121)

Assim há um deslocamento dos grandes objetos antes vistos como causas – a cultura, a sociedade, o conceito... - que passam a ser efeitos destas práticas disciplinares. O corpo é visto como aquilo que as relações de poder fabricam, está situado entre uma forma de produzir verdade e um exercício de poder. Segundo Gilles Deleuze, no livro dedicado a análise da obra de Foucault:

A luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito a diferença e direito à variação, à metamorfose. (DELEUZE 1986:113).

O ponto focal aqui não é o indivíduo corporificado e reconhecível através das relações entre sujeitos. Tratamos do escrito (marca visível de relações invisíveis) sobre o sujeito para alcançar, através do dito, confessado; as relações geradas a partir de grafitos, que se autonomizam dos corpos.

Desta forma, o que se lê é algo além do que está dito. Diz respeito às pessoas, como elas interagem, qual lugar elas se mostram e/ ou se ocultam, como fazem, como vivem, como sentem e desejam. Mas ao mesmo tempo não são pessoas alcançáveis numa relação face a face (ao menos no momento do ato de escrever), observadas em contextos etnográficos tradicionais, pois lidamos com uma forma de interação indireta, mediada pelos mecanismos que permeiam a sociabilidade na metrópole. É a própria expressão que nos fala. Alguém a produziu, muitas pessoas a leram. Mas o que importa na reflexão proposta é a autonomia que ganha, pois tal autonomia diz algo sobre a dinâmica da cidade, sobre as subjetividades e acerca interações bem singulares.

O que se busca entender é como que neste corpo onde incidem práticas disciplinares específicas se produzem e produzem modos de subjetividade, que o extrapolam e deixam marcas. Aqui marcas são tomadas no sentido atribuído por Suely Rolnik:

O que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir. (ROLNIK 1993:02)

Todavia se tais marcas produzem um novo corpo numa perspectiva de corpo mutante e recriado, temos que, no caso dos escritos de banheiro, o resultado é um corpo autônomo ao que o produziu.

Vimos que é possível entender e referenciar através da experiência o modo de interação dos grafitos, mas como pensar esta autonomia em termos conceituais?

Para tal tarefa evocamos a abordagem antropológica da arte, especificadamente o conceito de agência atribuída aos objetos artísticos por Alfred Gell (1998). Segundo este autor, agente é todo aquele que produz acontecimentos, e animais e objetos também seriam potenciais portadores de agência – pois lhes são atribuídas intenções. Gell adverte que os objetos não representam agentes auto-suficientes, mas agentes secundários, que *atuam em conjunção com seus associados humanos* (grifo nosso), e, por sua vez, estes mesmos objetos não seriam agentes eles mesmos, mas índices da agência de seus criadores. Como um exemplo de um índice de agência, o autor cita a boneca, que para “viver” e “interagir” precisa que a criança lhe atribua intenções próprias no seu manusear.

Seriam então os escritos classificados como índices de agência? Por que então os descrevemos como agenciados? Os escritos assumem posições distintas no quadro relacional e, dependendo da posição em que são observados, eles podem representar índices de agência, ou seja, são índices, pois permitem inferências a respeito da intencionalidade presente nas coisas, permitem a abdução da agência social. Assim, um escrito é a inferência de que alguém o escreveu, ele é índice da intencionalidade da sua realização – o que é fácil notar nos escritos que marcam possibilidades de encontros presenciais. Neste caso, o escrito é metaforicamente a fumaça que induz a presença do fogo. Mas afirmamos que ele é agenciado, pois apesar de expressar e de ser fruto da atuação e produção de um agente qualquer, ele ganha autonomia (sua interação independe do investimento reiterado e continuidade de relação com o seu produtor) e também é agente da sua continuidade ou do caráter relacional que preconiza.

A idéia de agência possui um caráter relacional – pois para cada agente há um paciente e “vice e versa” – e assim, as coisas em geral não possuem uma natureza intrínseca independente de seu caráter relacional. Desta forma, acreditamos que os escritos de banheiro possuem este caráter relacional típico da agência, seguindo a idéia

de que a teoria antropológica da arte que trate “objetos como pessoas” e estendendo tal concepção para nossa análise. Buscamos com isso não dissolver nosso estudo num longo levantamento de escritos e posterior classificação e adequações a categorias de análise – gênero, sexualidade, política, etc.; minando o caráter relacional e a significação que tais manifestações apresentam para além das classificações e até mesmo seu potencial antropológico de estudo. Assim, um escrito além de representar uma subjetivação de um sujeito qualquer é visto em seu caráter relacional com outros escritos, outros sujeitos e até mesmo com os frequentadores do banheiro e que os lêem mas não respondem ou o contra-argumentam sua provocação.

Tais posições intercambiáveis na dinâmica dos escritos de banheiro têm relação direta com a definição de agente e paciente, que Gell nos descreve como relacional e de posicionamentos variáveis, pois a agência social pode ser exercida com relação a “coisas”, mas também pode ser exercida por “coisas” (idem, p.17). Assim, temos que, a classificação de agente e paciente no caso dos escritos de banheiro é posicional, ou seja, o escrito perpassa diferentes posições: é feito por alguém que pode ser visto como agente, mas é autônomo e provocador depois de realizado podendo também produzir e se reproduzir na relação instituída entre escritos, frequentadores e novos escritos.

Ilustrando esta possibilidade de dinâmica descrita, temos um diálogo encontrado no banheiro feminino do supermercado Extra, em Uberlândia, Minas Gerais:

<p><u>Aparecem escritos:</u></p> <p>“Sou casada e quero mulher 91567431 Andréia”</p> <p>“Aceite a Jesus como Salvador só ele pode te dar a vitória”**</p>	<p>Aparece escrito: “E no banheiro você acha que vai encontrar? Vai na LowLow sapata! K”**</p>
<p>Aparece escrito: “Quero o seu marido – já tive com seu marido filha da puta”**</p>	<p>Aparece escrito: “Vc sabe do Lou Lou então deve ter ido já. Ela encontra ã só no banheiro como onde ela quiser. O mundo é gay.” **</p>

*foto de acervo pessoal

**as transcrições apresentam o texto tal como foi escrito.

O conceito de agencia é aqui expandido como categoria de estudo de uma prática urbana relacional e comunicacional, extrapolando e pensando o uso de tal conceituação para o campo dos estudos urbanos. Assim, se o conceito de agência é pensado no universo das artes, tal expansão é possível, pois este é um domínio da realidade, da expressão, das relações, ou seja, um domínio humano, que não finda ou se limita ao objeto artístico definido dentro de uma delimitação da estética ou da academia. A arte extrapola suas definições e delimitações. Da mesma forma, os escritos extrapolam seu significado objetivo dentro do domínio lingüístico, não são somente frases, eles enunciam. E este respeito, Babo afirma acerca das semióticas heterogêneas :

O texto não é unicamente da ordem da linguagem embora se efetive nela, já que estabelece desde logo uma relação inextricável entre o dito e o não-dito. A frase é puramente lingüística. Os regimes do enunciado, do discursivo, do textual são semióticas que podemos definir como heterogêneas. (BABO 2005:1)

Como nosso foco é escrito como inscrição autônoma, é importante destacarmos a questão da presença do pesquisador na prática da pesquisa. Questão tal que nos leva às novas mediações entre o sujeito e o objeto, pois, a discussão da interação dos grafitos nos banheiros se dá “a priori” e não está situada em grupos, pessoas, instituições, etc., a não ser nos próprios escritos. Há uma temporalidade em jogo, pois o acesso aos escritos se dá depois de que foram produzidos, não existe a co-presença, e, tal presença compartilhada não interessa aos propósitos deste trabalho. A experiência tomada em ato é pouco significativa para além da natureza intimamente transgressora que emula. Assim, o ato é pouco relevante, mas o que ele produz, as inscrições, é o que iniciam ou dão continuidade as interações típicas dos banheiros dialogando com outros interlocutores- escritos ou sujeitos. Os agentes escrevem, ou inscrevem e abandonam os escritos ali, mas os escritos também “abandonam” esses agentes na medida em que entram em interação com outros escritos e assim sucessivamente. Os grafitos podem desta forma, ser considerados como documentos da interação que se processa nos banheiros da metrópole.

Assim, o estudo não impacta na forma como o sujeito realizará a prática, e este mesmo sujeito, que traz à tona sua subjetividade, aparece paradoxalmente de forma indireta, quando é o escrito que passa ser o próprio signo, ou seja, ele passa a ser a

unidade que contém seu significante e seu significado. Desta forma, os escritos estudados falam além do seu significado semântico:

[...] seja qual for o regime de signos a fundar uma semiótica, incluindo o linguístico, ele mistura-se com outros regimes de signos de modo que, em última análise, não existem semióticas puras, dado se operarem fusões, transformações, agenciamentos constantes. (BABO 2005:1)

Não se trata, portanto da inscrição da ordem social no corpo, mas talvez da inscrição de um corpo ausente que se recorporifica e se expressa, possibilitando uma forma de interação específica, uma inscrição de frações de corpos que se distribuem pelo espaço compartilhado. Pois o tipo de agenciamento que o escrito representa vem de encontro com a noção de “pessoa distribuída” (GELL, 1998). Projetamos indefinidamente frações de subjetividade, distribuimos nossa pessoa pelos espaços, assim como fazem os pichadores que decalcam seus nomes nas paredes da cidade impondo sua presença, por mais que esta não seja reconhecível com base em sua expressão corporal. Este é um fator comum de tais intervenções urbanísticas, a mistura do público e privado, de íntimo e anônimo.

É exatamente no espaço compartilhado, de freqüentação pública, que o sujeito se faz reconhecer sem se mostrar. Daí a possibilidade de expor o nome, as opiniões, os órgãos e os desejos sexuais, pois a participação nestes não-lugares é de igualdade e anonimato, esta individualização não acarreta em reconhecimento ou certezas.

A agência do escrito é então possibilitada por esta condição de autonomia, que dá um alcance que extrapola um sentido, seja ele artístico, linguístico, sensorial, fisiológico... O banheiro da cidade, a circulação de pessoas, vontades e expressões, é condição propícia e essencial para que o escrito se configure de tal forma. Então o estudo deste ambiente e das percepções descritas nele e no seu imaginário, assim como dos grafitos encontrados em seu interior e do modo como carregam uma intencionalidade, na interação anônima que configuram, são pertinentes ao estudo antropológico e das disciplinas de humanidade em geral, sejam relativas ao indivíduo, a grupos, a história dos costumes ou as expressões artísticas e criativas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- BARBOSA, Gustavo. 1986. *Grafitos de banheiro*. Rio de Janeiro: Anima.
- DELEUZE, Gilles. 1988. *Foucault*. Trad: Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. São Paulo: Perspectivas.
- FERREIRA, L.T. 2006. *O TRAÇADO DAS REDES: Etnografia dos grafiteiros e a sociabilidade na metrópole*; Universidade Federal de São Carlos. Programa de pós-graduação em antropologia social, UFSCAR. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).
- FIGUEIRA, S.A. 1981. *O contexto social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- FOUCAULT, Michel. 1990. *As Palavras e as Coisas – Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 1985. *História da sexualidade: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 3 v.
- _____. 2008. *Vigiar e Punir : Nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 35.ed. Petrópolis: Vozes.
- GELL, Alfred. 1998. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon.
- GEERTZ, Clifford. 1997. *O Saber Local - Novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes
- GOMES, Helena Vieira. 2008. *O Sítio do Picapau Amarelo: Cartografia de uma Cosmologia Ficcional*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).
- GUATTARI, Félix. 2006. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. “*De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*”. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, p. 17 -49.
- MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. 2000. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). 2007. *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome.
- MENEZES, Rodrigo Carqueja de. 2006. *Devir e agenciamento no pensamento de Gilles Deleuze*. Revista Comum, nº. 26. Rio de Janeiro, v.11, p. 66-85.
- PAZ, Octavio. 2002. *Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza*. São Paulo: Perspectiva.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. 2007. *Pichando a cidade: apropriações “impróprias” do espaço urbano*. In: Magnani, J. G. C.; Souza, B. Mantese de (Org.): *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome
- ROLNIK, Suely. *Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. In: Cadernos de Subjetividade / Núcleo de estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC, São Paulo: v.1, n.2, 1993.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In Otávio Velho (org). O fenômeno Urbano, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

SIMMEL, Georg. 2005 [1903]. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Rio de Janeiro: Mana-Estudos de antropologia social, v. 11, n. 2, p. 577-591.

VELHO, Gilberto. 1986. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VIANNA, Hermano. Ternura e atitude blasé na Lisboa de Pessoa e na Metrópole de Simmel. In Gilberto Velho (ogr). *Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

SOUZA, Jessé. *Simmel e a Modernidade*, Brasília, Ed. UnB, 1988

WAIZBORT, L. 2000. *As aventuras de George Simmel*. São Paulo: Ed.34.

WIRTH, Louis. 1973. "O urbanismo como modo de vida", in VELHO, O.G. (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.

TESES, ARTIGOS E SÍTIOS ELETRÔNICOS:

BABO, Maria Augusta. (1996). As implicações do corpo na leitura. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/babo-augusta-implicacoes-corpo-leitura.html>. Acesso em: 10 jan. 2010

_____. (2005). Do texto como textura heterogênea ao texto como textura híbrida. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/babo-maria-augusta-texto-como-textura-heterogenea-texto-como-textura-hibrida.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2010

BERGER, Mirela. (2006). *Corpo e identidade feminina*. Universidade de São Paulo, São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH); Dissertação (Doutorado em Antropologia Social). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22112007-150343/> Acesso em: 04 de jan. 2009.

DUARTE, L. F. D.(2003). *Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 2 ago. 2008.

NAZARETH, Paulo. (2009). Projeto Arte no Banheiro. Disponível em: <http://artecontemporanealtda.blogspot.com/>. Acesso em: 12 de dez. 2009

OTTA, Emma & **TEIXEIRA**, Renata Plaza. (1998). *Grafitos de banheiro: Um estudo de diferenças de gênero*. Disponível em: www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a04v03n2.pdf Acesso em: 02 de set. de 2008.

SANTOS, Ludmila Helena Rodrigues. "Estive aqui! Assinado: Eu": Um olhar antropológico sobre os escritos de banheiro. 2010. 54 f. Trabalho acadêmico para conclusão do curso de bacharelado. Departamento de Artes, Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia.

VII ENECULT | encontro de **estudos** *encuentro de estudios*
multidisciplinares *multidisciplinarios*
em **cultura** *en cultura*